

Apresentação

O Dossiê *Cosmopolíticas Amazônicas e Reflexividades Indígenas* tem como base e estímulo a produção de trabalhos produzidos por estudantes indígenas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que no ano de 2018 comemorou seus dez anos de vida. Nesse tempo, o PPGAS já recebeu mais de trinta alunos indígenas, provenientes de diferentes grupos étnicos e regiões da Amazônia.

Menos para desfrutar do benefício de uma pretensa justiça social ou simplesmente para aprender ciência acadêmica, vários deles, integrantes do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), tem tomado a Antropologia como uma via privilegiada para acessar e falar de aspectos significativos de seus mundos, de seus pressupostos práticos e conceituais. Esse esforço de tomada de distância para instalar-se num campo de visão que permita expressar-se numa linguagem inteligível a outros contextos e atores é o que estamos chamando de *reflexividade indígena*.

Esse exercício tem permitido a estes jovens pesquisadores acessar certos domínios que só um nativo, imbuído do espírito investigativo, pode alcançar. É nessa direção que nos aponta o ensaio (*texto indígena*) de Jaime Diakara, estudante dessana, que concluiu recentemente seu mestrado, nos brindando, por meio de uma linguagem gráfica do desenho, a origem e as concepções sobre o *kahpi*, suas formas de uso, a presença cerimonial e os efeitos dessa bebida especial nos contextos indígenas do Alto Rio Negro. As composições de Jaime Diakara são agudas, revelando a grande complexidade da dinâmica das relações entre humanos e não humanos nos contextos indígenas, sentido que também queremos exprimir com a noção de cosmopolítica, trazida neste número de Mundo Amazônico.

A *reflexividade* aparece ainda nesse dossiê por meio de uma produção intelectual colaborativa entre indígenas e antropólogos não indígenas, o que só é possível a partir de um trabalho anterior e sistemático junto a um determinado grupo, a partir de onde se constrói uma aproximação de interesses comuns. É sob esse contexto que veio à luz o artigo de Carlos Machado Dias Jr e Alexandre Aniceto de Souza, explorando um tema bastante atual, o uso de tecnologias entre os Waiwai. A partir de um levantamento atento sobre o uso de aparelhos celulares, os autores mostram uma criativa apropriação dessa tecnologia que passou a compor a vida cotidiana nas comunidades. No fluxo dessa cooperação temos também a lavra de Geraldo Andrello e Arlindo Maia Tukano. Depois de uma longa experiência de trabalho de campo, Geraldo Andrello vem realizando, nos últimos anos, experimentos de produção antropológica com interlocutores e intelectuais nativos do Alto Rio Negro. O manuscrito publicado neste dossiê é o resultado do registro e

reflexão sobre os nomes de grupos e subgrupos Ye'pa-Di'iro-Mahsã (Tukano), destacando a complexa composição interna dos patriclãs com base na exegese das narrativas míticas de origem e diversificação da humanidade.

Outra base de sustentação desse dossiê, complementar à noção de reflexividades indígenas, refere-se às *cosmopolíticas amazônicas*, com a finalidade de abranger as produções acadêmicas que envolvem pensamentos e agenciamentos de mundos na Amazônia. Desse modo, o texto de Renato Sztutman aborda o sentido do termo (cosmopolítica) implícito no discurso de Davi Kopenawa, termo esse proposto por Isabelle Stangers e apropriado de forma poderosa por Bruce Albert na tradução das palavras do xamã yanomami no livro *A queda do céu* (Companhia das Letras, 2015).

Nesse contexto ainda, o dossiê apresenta um conjunto de textos que busca explorar diferentes dimensões desses mundos amazônicos. Assim, resultado da vivência de campo entre os Ayoreo – povo falante de uma língua da família Zamuco que habita a região do Chaco Central na fronteira do Paraguai com a Bolívia – e a preocupação com os termos acadêmicos que operamos em nossas análises, o ensaio de Leif Grünewald, intitulado “antropologia” e antropologia: histórias de um *fazedor-de-antropologia* Ayoreo, é uma exegese do conceito de *antropologia*, instigada a partir de um encontro de percepções e perspectivas sobre um mesmo fenômeno vivido em contextos distintos. Como declara o autor: “esse texto busca evidenciar a proposição de que toda descrição etnográfica é igualmente uma descrição da antropologia que a produz”. O artigo intitulado “Programas sociais e Agência Indígena entre os Sateré-Mawé do Baixo Amazonas/Brasil”, de Luiza Garnelo e Wolfgang Kapfhammer, é uma análise do impacto dos programas governamentais de Transferência Condicional de Renda às famílias sateré-mawé. A histórica relação desse grupo com as agências externas, governamentais ou não, é pautada por uma (cosmo)lógica ambivalente entre um modo *exigente* e um modo *não exigente*, na tentativa de mostrar que “a apropriação de recursos externos pode seguir modelos cosmológicos tradicionais sem deixar de revelar-se disfuncional à longo prazo, em função do deslocamento gradual dos fundamentos cosmológicos e ontológicos da autonomia e da agência do grupo frente ao exterior”.

O texto “Mi casa pequeña, mi corazón grande. Política territorial y cosmológica del pueblo Kukama”, de autoria de Daniel Fernandes e Marcos Ramirez, aborda um aspecto significativo da cosmopolítica kukama. Baseado numa pesquisa etnográfica na comunidade Dos de Mayo, localizada na bacia do Rio Marañón (Loreto, Perú), os autores exploraram como recurso metodológico uma série de conversas com líderes locais, pescadores e velhos conhecedores sobre artefatos arqueológicos, produzindo mapas de um “território cosmológico”. Assim, foi possível identificar e compreender uma cosmopolítica kukama

relacionada ao ordenamento de seu território e ao padrão de distribuição de agentes humanos e não humanos “num tempo sem tempo”.

O manuscrito de autoria de Ludmila Verona Gonçalves, Carlos Dias Junior e Sonia Alfaia, apresenta um estudo de caso sobre a introdução da pecuária entre grupos indígenas da comunidade Aningal, na região do Lavrado no Estado de Roraima, na Amazônia brasileira. Segundo os autores, o manejo de uma área específica onde criam o gado bovino, denominada *caiçaras*, “pode ser classificado como um sistema agropastoril temporal e relativamente novo nas práticas de produção indígenas. O texto de Agenor Vasconcelos aborda um repertório, práticas e conceitualizações musicais indígenas, em especial o gênero *Kuxiymauara*, bastante presente entre os moradores da cidade e comunidades indígenas de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas/Brasil, e que agrega música brasileira, colombiana e venezuelana.

Aproveitamos para agradecer a todos os autores deste dossiê, que no seu conjunto conforma uma rede de investigadores sensíveis e atentos às práticas e discursos sobre uma cosmopolítica que envolve humanos e não humanos na extensa teia das relações sociais na Amazônia indígena. E por fim, manifestamos nossa alegria em disponibilizar ao público leitor de Mundo Amazônico a riqueza dos textos aqui publicados no lançamento deste número da revista. De modo especial este volume inaugura a participação do PPGAS/UFAM na coordenação de um dossiê desde o momento em que passou a partilhar a co-edição da revista em 2017. Assumir a coordenação desse dossiê, de certo modo, foi tomar a revista para centrar foco na questão que mais nos envolveu e nos animou nesta última década: *cosmopolíticas amazônicas e reflexividades indígenas*.

Gilton Mendes dos Santos
Universidade Federal do Amazonas

Carlos Machado Dias Jr.
Universidade Federal do Amazonas